

sucessivas. Tomadas ao pé da letra, estas expressões não dão mais que uma ideia sumária e simplista da evolução intelectual. Vale mais encarar a questão sob uma outra forma, menos verbal e mais adequada: desde que uma teoria tenha sido homologada por uma geração de sábios, pode-se estar certo que ela traduz um conhecimento parcial, um aspecto fragmentário da realidade.

Longe de *eliminar* esta teoria, a geração seguinte integrá-la-ia numa teoria mais vasta, mais compreensiva, porque «as concepções teóricas, estabelecidas por uma geração, tornam-se os factos sobre os quais trabalha a geração futura (William Whewell).

Quando os físicos duma época estudaram um certo número de factos com os meios de que eles dispõem, este resultado fica definitivamente adquirido (Louis de Broglie). Nunca existiu nenhuma lei, que, no significado e com a aproximação com que ela foi estabelecida tenha sido rejeitada. O que há de transformável e de provisório, são as imagens intuitivas (1), que nos servem para concretizar e reunir os factos; não são nunca as interdependências, que, uma vez homologadas, se verificam sempre de novo (2).

O método científico é essencialmente cumulativo nos seus efeitos. — Que pensar, visto isso, da famosa frase de Descartes: «O bom senso é a coisa mais bem partilhada do mundo», senão que é preciso evitar que se isole do seu contexto (3)?

(1) As representações do bom senso.

(2) Moritz Schlick: O que distingue as falsas ciências das verdadeiras, é que as suas afirmações não são homologadas. E é preciso não esquecer que a ciência encontra por vezes dificuldades, que subsistem durante vários anos.

(3) Lê-se, com efeito, a seguir: «porque cada um julga estar tão bem provido dêlo, que mesmo

Ela é irónica (1) e talvez insincera, porque Descartes, que não cessou de tremar pela sua segurança, tinha interêsse em não ferir o leitor. Mas a sua época estava colocada sob o signo do bom senso, porque se não podia suspeitar, nem a complexidade, nem a *irrepresentabilidade* da física contemporânea, nem — ainda menos — a insuficiência da lógica de Aristóteles, da lógica do bom senso, precisamente. Não acontece o mesmo hoje em dia. Tomado na sua acepção mais favorável, o bom senso tornou-se uma *honestia mediocridade*, que a vida social dispensa aos seus membros: por um empirismo prolongado, o homem *branco, adulto e civilizado* adquiriu este automatismo, necessário, mas insuficiente, que é o bom senso.

Pode-se, à falta de melhor, escolhê-lo como base, com ponto de partida, porque êle convém *para tomar em primeiro contacto com as aparências* (2). Nós reconhecemos que o Universo «não é feito para satisfazer as exigências das nossas representações intuitivas» (Oskar Klein). Tem-se a impressão de que a *natureza* se empenha, não sem alguma malícia, em nos apresentar a realidade pelo seu aspecto mais complexo e que é necessário um grande esforço para separar os elementos simples, a partir dos quais é possível ao nosso pensamento construir o mundo; há talvez aí, além disso, uma necessidade da nossa adaptação» (Paul Langevin). O bom senso deixou de ser a norma soberana da inteligência.

aqueles que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa, não costumam desejar mais do que aquele têm» (1637).

(1) O contexto assemelha-se à máxima de La Rochefoucauld: «Tôda a gente se lamenta da sua memória, e ninguém do seu espírito» (K 65).

(2) Nas ciências pouco avançadas (ciências humanas) acontece muitas vezes que este *primeiro contacto* não é, infelizmente, ainda seguido de um segundo.

---

### (CONCLUSÃO DA PÁGINA 18)

que estava anteriormente mergulhado na obscuridade. Ele forneceu um novo elo entre o laboratório e a estrêla, e, aumentando a nossa compreensão das experiências que estão sendo conduzidas nestas oficinas

celestiais sob condições que não podem ser imitadas na terra, habilitar-nos-á talvez a pagar a nova dívida que a astronomia contraíu na continua permuta entre a física e a astrofísica.